

e-books

NÚCLEO DE FORMAÇÃO

História da
Música 5



História da Música - parte 5

SINOPSE

Depois de percorrermos o surgimento e as características dos períodos barroco, clássico e romântico, chegou o momento de desbravarmos a música moderna e todas as suas ampliadas manifestações.

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Ao final desta aula, espera-se que você saiba: características do período barroco, clássico, romântico, moderno; como Beethoven e Wagner alteraram a música; a diferença entre orquestra sinfônica e orquestra filarmônica; o que é uma sinfonia; o que é um concerto; o poder de transformação da música.

INTRODUÇÃO

Conforme conversamos até agora, a música foi evoluindo através do tempo e manifestando a beleza de diversos modos.

O PERÍODO BARROCO

No período barroco, a música se atinha a uma estrutura rítmica muito sólida. Quando o compositor marcava a batida de tempo de uma obra, mantinha-a, de modo permanente e constante, até o final. O ritmo era bastante marcado e fixo. A harmonia da obra, a conjunção dos sons, toda análise que Bach havia feito de quais notas combinavam com quais, o que é um modo maior, o que é um modo menor, tudo muito claro e preciso, era o foco. Em cima da harmonia, da valorização da combinação dos sons, a conjunção dos acordes, a sonoridade da obra, que era o foco principal desse momento barroco, ganhou essas ornamentações: os trinados, corpetos, mordentes. A estrutura melódica, a melodia da obra, ficou, de certa forma, num segundo plano. A preocupação, no período barroco, era uma preocupação harmônica, dado ter sido essa a grande descoberta desse momento.

A música modal, aquela música praticada desde a Antiga Grécia e que se propagou por todo renascimento, por todo humanismo, havia encontrado no barroco uma outra proposta, que era a música tonal.

No barroco, temos uma textura sonora. Vemos que, pelas estruturas propostas no barroco, fica muito difícil, para o ouvinte, entender qual é a linha melódica da obra. Há uma experimentação sobre a harmonia (toca piano¹). Isso é um acorde de Dó maior, Lá menor, Ré maior com sétima, Sol maior.

Eu acredito que todos vocês, ao ouvirem essa proposta harmônica que estou fazendo agora, estão pensando na Ave Maria, na melodia da Ave Maria de Gounod. No entanto, esse é um prelúdio de Bach. Em nenhum momento, Bach pensou na linha melódica (toca piano²), que é o que conhecemos. A linha melódica, proposta por Gounod muitos anos depois, não estava na proposta de Bach. Bach, no barroco, só queria fazer uma experimentação harmônica, a combinação de sons.

O CLASSICISMO

Depois, nós passamos para o classicismo. No classicismo, a proposta é resgatar a simplicidade. A beleza está na simplicidade. Para resgatar a simplicidade, os classicistas vão retirar, na medida do possível, todo rococó barroco, toda ornamentação. Se antes, por exemplo, eu ia tocar alguma obra dessa forma (toca piano³), agora, vou tocá-la assim (toca piano⁴). Eu não vou mais tocar assim (toca piano), mas sim assim (toca piano). Eu vou retirar floreios (toca piano), pois não há necessidade disso.

No classicismo, há um resgate da linha melódica. É no período do classicismo, com Mozart, com Haydn, como já citei, que começam a surgir melodias que são sublimes. Por exemplo, a melodia do Segundo Movimento do Concerto n.º 21 em Dó Maior, 467⁵. Estou fazendo uma adaptação, porque

¹ Tempo para escutar: 02:12 - 02:32.

² Tempo para escutar: 02:50 - 03:00.

³ Tempo para escutar: 03:38 - 03:58.

⁴ Devido ao breve lapso temporal, todos os exemplos tocados estão aglutinados no tempo presente na nota de rodapé três.

⁵ Piano Concerto n.º 21, em Dó Maior K, 467 (2º Movimento), Mozart.

essa obra, originalmente, é para piano e orquestra. Aqui, estou fazendo uma simulação para que vocês entendam essa linha melódica. É sublime e é simples. Essa é a proposta do classicismo.

ROMANTISMO

O romantismo, por sua vez, dentro dessas três bases da música - a melodia, a harmonia e o ritmo -, propõe a valorização da linha melódica expondo os sentimentos humanos com seu clímax, seu máximo. A melodia das composições do período romântico visa resgatar o êxtase amoroso, a tristeza delirante, a alegria contagiante através da linha melódica. As estruturas harmônicas propostas por Bach, continuam as mesmas. Há sons que não combinam com outros sons. Isso é física, são as frequências. Se eu pego, por exemplo, 440 Hertz, que é o Lá central (toca piano⁶) e junto com esta outra nota (toca piano), isso é um som consonante. Agora, se combinou-o dessa forma (toca piano⁷), isso é um som dissonante. As notas envolvidas aqui não é a proposta romântica.

O romantismo não quer mexer na estrutura harmônica, mas rompe, de uma maneira bastante verdadeira e clara, a estrutura rítmica do tempo. Não há mais um tempo regular. No barroco, por exemplo (toca piano^{8,9}), o ritmo é muito marcado, o tempo é muito marcado. No classicismo, vocês podem perceber que começa a surgir uma linha melódica, uma melodia, mas ainda dentro de uma estrutura de tempo rítmica, muito constante também. Escutem esse trecho de Mozart¹⁰ (toca piano¹¹). Eu posso cantar. Tudo isso que eu não podia fazer no período do barroco (toca piano¹²). Cantem isso, é impossível. No barroco, a proposta não é a melodia. No classicismo, a melodia surge.

⁶ Tempo para escutar: 06:10 - 06:23.

⁷ Tempo para escutar: 06:24 - 06:38.

⁸ Tempo para escutar: 06:58 - 07:10.

⁹ Prelúdio n. 2 em Dó Menor BWV 847, Bach.

¹⁰ Piano Sonata em Dó Maior, K. 545 (1º Movimento), Mozart.

¹¹ Tempo para escutar: 07:28 - 08:05.

¹² Tempo para escutar: 08:09 - 08:12.

No romantismo, essa melodia se mantém nesse êxtase romântico, sem nenhuma regularidade de tempo. Por exemplo¹³ (toca piano¹⁴). Vejam que, aqui, o que estou propondo é uma linha melódica. O tempo é diferente. Se eu tocasse essa obra nos moldes barrocos, ou nos moldes clássicos, teria que ser (toca piano¹⁵). O ritmo é bem marcado. E não é assim que interpretamos (toca piano¹⁶). Os noturnos¹⁷, por exemplo, de Chopin (toca piano¹⁸). Eu tenho uma liberdade de tempo, de ritmo, total. Isso é perceptível nas mais variadas obras. Se pegamos, por exemplo, as obras de Liszt, o Noturno¹⁹ de Liszt (toca piano²⁰) ou outro compositor, germânico, Schumann (toca piano²¹), percebam que o tempo flui. Eu acelero, eu desacelero. Neste período, começam a surgir na música, nas partituras, as indicações dos compositores: *Accelerando*, *ritardando*, *sforzando*, para sugerir para o intérprete aquilo que o compositor gostaria que se fizesse. Essas indicações não existem em partituras dos períodos barroco e clássico.

O MODERNISMO

Dentro dessa sequência das transformações que a proposta da beleza foi nos oferecendo, chegamos, na nossa linha do tempo, no modernismo. Alguns compositores românticos, chamados compositores tardios, começam a fazer uma nova proposta. Dentre as possibilidades de melodia, harmonia e ritmo, o que sobra para os românticos tardios explorarem? A melodia, não, porque é justamente através da melodia que eles vão poder eclodir todo sentimento humano. A estrutura rítmica, os românticos já não seguiam. Portanto, aos românticos tardios, resta mexer na sagrada regra harmônica criada por Bach.

¹³ Etude Op. 10 n. 3 em Mi Maior "Tristesse", Frédéric Chopin.

¹⁴ Tempo para escutar: 08:30 - 09:25.

¹⁵ Tempo para escutar: 09:36 - 09:47.

¹⁶ Tempo para escutar: 09:50 - 10:07.

¹⁷ Noturno Op 9, n° 2, Frédéric Chopin.

¹⁸ Tempo para escutar: 10:10 - 10:41.

¹⁹ Noturno n. 3 em Lá Bemol Maior "Liebestraum", Franz Liszt.

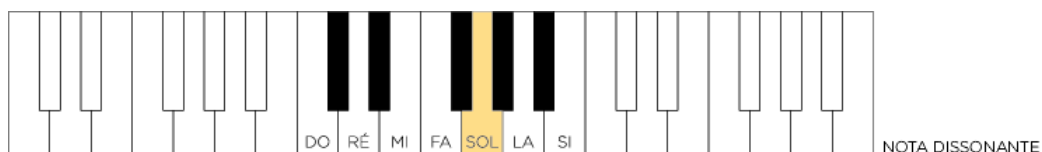
²⁰ Tempo para escutar: 10:58 - 11:25.

²¹ Tempo para escutar: 11:30 - 11:59.

Quando eu tenho esse acorde de Ré bemol maior (toca piano²²), há algo que possa explorar de alguma forma?



E se eu, em vez disso, tocasse (toca piano²³), acrescentando essa nota Sol levemente dissonante. Será que isso funcionaria?



Há compositores como Rachmaninov, como Scriabin que começam a explorar isso²⁴ (toca piano²⁵). É uma característica interessante de Rachmaninov. Rachmaninov tem muitas obras. Ele foi um homem que sofreu muito na infância.

²² Tempo para escutar: 13:27 - 13:32.

²³ Tempo para escutar: 13:37 - 13:49.

²⁴ Prelúdio Op. 23 n° 5 em Sol Menor, Sergei Rachmaninov.

²⁵ Tempo para escutar: 13:57 - 14:54.



Sergei Rachmaninov, compositor (1873 - 1943).

O pai dele era militar e, por motivos econômicos, tiveram que mudar de cidade. Apesar da mãe de Rachmaninov não querer isso, eles acabaram se mudando. Nessa nova cidade, por motivos mil - eu estou encurtando a história -, a irmãzinha de Rachmaninov veio a falecer. A mãe culpou o pai pela morte da filha, dado que tinha realizado a mudança contrariada. Enfim, o compositor foi uma pessoa sofrida. Ele foi criado por uma tia, que, juntamente com sua avó, estimulou-o muito. Em dado momento, Rachmaninov foi enviado para Moscou, onde estudou no conservatório da cidade. No conservatório, houve uma pessoa que identificou o talento de Rachmaninov. Essa pessoa foi Tchaikovsky, o qual começou a investir em Rachmaninov. Ele investiu mesmo. Há composições de Rachmaninov que são.. uma das que me toca muito é a Elegie. Por exemplo, essa daqui²⁶ (toca piano²⁷). É uma viagem. É uma viagem. A seleção de prelúdios dele, de Etude Tableau são maravilhosos.

²⁶ Elegie Op 3 n° 1, Sergei Rachmaninov.

²⁷ Tempo para escutar: 16:04 - 17:47.



Piotr Ilitch Tchaikovsky, compositor (1840 - 1893).

Tudo isso que nós conhecemos hoje, nós conhecemos graças a um amigo de Rachmaninov, o Doutor Nikolai Dahl.



Nikolai Dahl, Médico (1860 - 1939).

O que aconteceu? Rachmaninov, muito jovem, com dezenove anos de idade, resolveu compor uma sinfonia, a sinfonia n.º 1²⁸. Uma sinfonia muito boa. É uma obra muito interessante. Só que, na estreia dessa obra, infelizmente, o maestro estava bêbado. A orquestra não havia praticado e tocou de modo nefasto. A crítica, não preciso nem dizer, foi impiedosa. Isso fez com que o compositor mergulhasse numa profunda depressão. Uma desmotivação, um desânimo até tal ponto que essa depressão virou até levemente orgânica, não só anímica, psicológica, mas também orgânica, e ele resolveu largar a música.

Se vocês buscarem o que a crítica disse sobre essa estreia, vão perceber que ele teve motivos para tomar essa decisão de abandonar a música, o que teria sido um grande engano, um grande erro. Esse erro não aconteceu graças

²⁸ Sinfonia n.º 1 em Ré Menor, Op. 13.

a esse amigo, o Dr. Nikolai Dahl, que pediu para que Rachmaninov fosse para a Itália. A Itália é desses países que inspira qualquer pessoa se recuperar de qualquer crise que possua. Um país maravilhoso. Rachmaninov obedeceu, foi até a Itália, passou meses por lá e, na volta, com um tratamento até um pouco hipnótico, o Nikolai Dahl, o doutor, disse 'você agora vai voltar a compor'. Rachmaninov lhe respondeu que não ia compor e Dahl retrucou 'você vai compor, componha'.

Rachmaninov resolveu compor um concerto para piano, que é o concerto para piano e orquestra nº 2²⁹ em Dó Menor, Opus 18. Esse concerto se transformou no concerto mais tocado em todas as salas de concerto do mundo inteiro, porque não conta uma obra criada com recursos de conhecimento musical, mas Rachmaninov retrata, nesse concerto, o que aconteceu na própria vida dele. Como todo russo tem essa paixão por sinos, por badaladas - para quem tiver a chance de ir até a Rússia, Moscou, há muitas igrejas e sinos tocando -, ele começou esse concerto com oito badalada.

Na primeira badalada, a partitura tem, como inscrição, pianíssimo, ou seja, que quase nada de som deve ser emitido pelo piano. Na última, está escrito fortíssimo strepitoso. Eu já vi em algumas versões, e acho isso desnecessário, o pianista que faz a parte solo dessa obra, começar praticamente encurvado e, antes da última badalada, do último acorde, colocar-se de pé e quase que esmurrando o piano. Acho que isso não se faz necessário, porque podemos conseguir força através da musculatura.

Esse concerto começa assim (toca piano³⁰). Em cima dessa composição, dessa harmonia sonora que o piano faz, a orquestra faz o tema. Um tema maravilhoso. Esse é o primeiro movimento (toca piano³¹). O impressionante foi a aceitação das pessoas por essa obra, com melodias cada vez mais

²⁹ Piano Concerto n. 2 em Dó Menor, Op. 18, Sergei Rachmaninov.

³⁰ Tempo para escutar: 21:21 - 22:02.

³¹ Tempo para escutar: 22:14 - 22:31.

contundentes, envolventes, mais estaciantes. Ouçam o primeiro movimento³² (toca piano³³). Agora, o terceiro movimento.

Eu não preciso dizer. Isso é simplesmente o piano. Imagem tudo isso com uma orquestra. É difícil colocar em palavras. Neste momento, eu estou me lembrando de Victor Hugo, que dizia que a música expressa o que as palavras não conseguem e o que não pode deixar de ser dito.

O resultado foi um estrondoso sucesso, um enorme sucesso. Quando Rachmaninov compôs essa obra, queria justamente mostrar para as pessoas que a depressão, a desmotivação, o desânimo não vão dar certo, que é preciso acabar com tudo isso. Nessa obra, ele conta a história dele. Esse último acorde (toca piano³⁴) é ele dizendo 'acabou tudo isso' (toca piano³⁵). Tudo que se segue é um extravasamento de tudo aquilo que ele viveu, as emoções e as dores que ele passava. Tanto é uma biografia que, ao término, como os pintores assinam o nome, Rachmaninov assinou o nome dele. Pena que não dá para simular a orquestra, mas o piano faz isso no final (toca piano³⁶). A obra acaba assim (toca piano³⁷). Isso é Rachmaninov. Ele assinou o nome dele. É incrível.

O sucesso dessa obra foi tão estrondoso que ele resolveu fazer um terceiro concerto, o concerto n° 3, a fim de mostrar para as pessoas, musicalmente, o que é a depressão, o que é desmotivação, o que é um estado de letargia, de desânimo. Essa obra é considerada o concerto mais difícil escrito para piano, pois tem muitas notas. A parte do piano é extremamente difícil. Muito difícil. É que é muito difícil mesmo. E a parte da orquestra é tão complicada quanto a do piano. E o pior de tudo é a junção dos dois.

Eu toquei esse concerto algumas vezes em turnês. Depois que você toca três, quatro, dez vezes, chega uma hora que você já sabe onde estão os problemas, onde vai acontecer um atraso, onde o piano vai ser mais desafiador, mas na primeira vez que eu toquei essa obra... Em toda estreia, você tem uma

³² Concerto para o Piano n.º 2, Op. 18, Sergei Rachmaninov.

³³ Tempo para escutar: 23:30 - 24:21.

³⁴ Tempo para escutar: 25:12 - 25:19.

³⁵ Tempo para escutar: 25:21 - 25:23.

³⁶ Tempo para escutar: 25:49 - 25:51.

³⁷ Tempo para escutar: 25:53 - 25:57.

insegurança natural, embora esteja preparado, claro, porque foram muitos ensaios. Normalmente, para uma apresentação, gasta-se dois ensaios no máximo, cada um com cerca de uma hora. Para essa obra, o maestro pediu para que eu participasse em todos os ensaios, uma semana inteira. Graças a Deus, deu tudo muito certo, foi um êxito, foi impressionante. Eu também lembro de uma vez em que fui tocar em uma cidade na qual esse concerto nunca havia sido apresentado. Nós, pianistas, antes da abertura dos portões para a plateia, para a entrada do público, normalmente gostamos de repassar alguma coisa. É aquele momento para conversar um pouquinho com o piano e dizer 'ó, daqui a pouco, eu estou aqui, não vai dar para trás estamos juntos', aquela coisa. Eu ainda estava repassando e, incorretamente, abriram os portões para que a plateia entrasse. O teatro era grande, cabiam para mais de duas mil e quinhentas pessoas, e eu vi cerca de trezentas pessoas entrando correndo para poder pegar o melhor lugar ali na frente, para ver o solista que, no caso, naquele dia, era eu, indo para o abate. As pessoas querem ver pão e circo. Elas gostam de ver alguém suado, acabado.

É um concerto impressionante. Inclusive, foi feito um filme sobre essa obra, o concerto nº 3, chamado "*Shine*³⁸". Em português, chama-se brilhante. Vale a pena assistir. O ator³⁹ que interpreta o papel do pianista retrata uma história real de um pianista australiano. Ele ganhou um Oscar de melhor ator por sua interpretação como sendo David Helfgott, esse pianista australiano. Acredito que este ainda esteja vivo, com idade bastante avançada.

O concerto nº 3 termina tal como o concerto nº 2. O concerto de nº 2 termina assim (toca piano⁴⁰) e o de nº 3, assim (toca piano⁴¹). Mais ou menos assim, Rachmaninov. Essas são as duas únicas duas obras que Rachmaninov acabou dessa forma. Para as pessoas que queriam tocar o terceiro concerto, ele dizia 'toque como se fosse a última vez'. Essa é a inspiração que qualquer

³⁸ Robert Scott Hicks (1996). História verídica do menino prodígio David Helfgott, levado ao desequilíbrio mental pela rejeição de seu pai e a pressão para que seus concertos fossem perfeitos, e como ele voltou a dividir seu talento com o mundo graças ao amor de sua mulher.

³⁹ David Helfgott, pianista.

⁴⁰ Tempo para escutar: 29:25 - 29:26.

⁴¹ Tempo para escutar: 29:28 - 29:34.

pianista tem antes de entrar no pal para tocar essa obra (toca piano⁴²). O tema do primeiro movimento (toca piano⁴³). Em referência ao terceiro movimento, Rachmaninov comentou, num escrito pessoal, que se via perseguido por cavalos naqueles momentos de alucinação, de depressão, de desmotivação, e toda parte final do concerto simula, com as caixas (faz som⁴⁴), o som dos cavalos. O piano e a orquestra inteira.

Esse é desses concertos que quando você acaba... Eu me lembro de uma vez em que, quando acabei o concerto e fiz o Rachmaninov, senti um grito e uma onda de pressão, realmente, daquelas que estudamos na física, vindo para cima de mim. É uma coisa um pouco estranha, parece ser estranho o que estou falando, mas é real. As pessoas ficaram alucinadas. Eu via pessoas gritando e subindo na cadeira. Toda vez que alguém fala de alguma apresentação e o programa que vai ser feito é o Concerto nº 2 de Rachmaninov, as pessoas falam 'Eu preciso ir'. E quando a programação informa que a apresentação é o Concerto nº 3, as pessoas veementemente afirmar 'Eu preciso ir!', porque vai pegar fogo ou o teto vai cair. Alguma coisa vai acontecer.

Rachmaninov está enterrado no cemitério lá em Nova Iorque⁴⁵. Ele viveu de 1873 a 1943. Infelizmente, faleceu com setenta anos, de um câncer tardiamente identificado, em Beverly Hills, onde foi morar após fugir do regime soviético.

Características do modernismo

Essa melodia que vocês conhecem está repleta de propostas que já são do romantismo tardio, a exploração da linha harmônica. Então, quando eu toco algo assim (toca piano⁴⁶)...

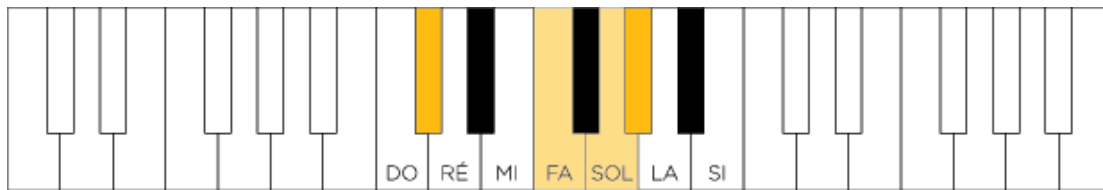
⁴² Tempo para escutar: 29:55 - 30:09.

⁴³ Tempo para escutar: 30:10 - 30:36.

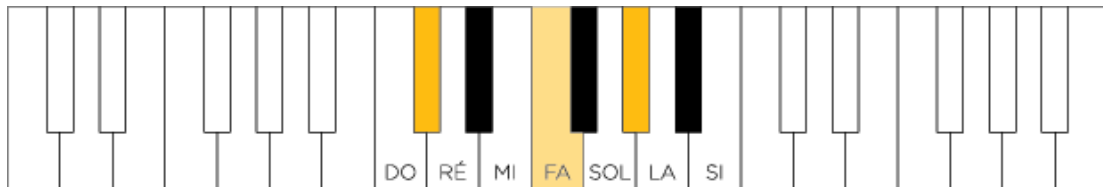
⁴⁴ Tempo para escutar: 30:43 - 31:06.

⁴⁵ Kensico Cemetery, Valhalla.

⁴⁶ Tempo para escutar: 32:52 - 32:54.



... eu já não estou mais em (toca piano⁴⁷), que seria Ré bemol maior.



Percebam que há algo que sai um pouquinho do que seria o legítimo Ré bemol maior (toca piano⁴⁸⁴⁹). Veja esse acorde (toca piano⁵⁰). Essas duas notas, harmonicamente, não combinam. Isso está na estrutura dessa obra. Vejam⁵¹ (toca piano⁵²). Isso é dissonante (toca piano⁵³). Rachmaninov, o autor dessa obra, explora isso (toca piano⁵⁴) e fica maravilhoso.

Então, percebemos que a beleza está propondo, aparentemente, um novo caminho. Como nós conversávamos, a música é viva e as descobertas vão acontecendo. A beleza diz para nós, reles mortais, que existem coisas que ainda não percebemos e que muito mais está por vir. Ela diz: 'tentem explorar a linha harmônica rompendo-a, mas não totalmente, não comecem a fazer (toca piano⁵⁵). Não façam isso'. Mas, nós, homens, desobedecemos. Hoje em dia, há muitas obras que fazem isso. Na minha opinião, é um período de absoluta decadência, porque a obra de arte tem como finalidade, no meu ponto de vista, não simplesmente mostrar a realidade torpe e crua das coisas, aquilo que não

⁴⁷ Tempo para escutar: 32:57 - 33:02.

⁴⁸ Tempo para escutar: 33:08 - 33:09.

⁴⁹ Tempo para escutar: 33:10 - 33:33.

⁵⁰ Tempo para escutar: 33:33 - 30:40.

⁵¹ Rapsódia sobre um tema de Paganini, Op. 43 (variação 18), Sergei Rachmaninov.

⁵² Tempo para escutar: 33:50 - 34:34.

⁵³ Tempo para escutar: 34:34 - 34:36.

⁵⁴ Tempo para escutar: 34:40 - 34:47.

⁵⁵ Tempo para escutar: 35:15 - 35:21.

nos dignifica, que não nos eleva, que não nos leva à transcendência, que não nos joga para cima. Hoje, as obras de arte mostram uma crueza que não nos enriquece, que denigre o ser humano, que, muitas vezes, entorpece-nos. Para mim, obra de arte que mexe com o lado instintivo ou um lado que não nos leva a ver a beleza, mas simplesmente à manifestação crua de uma realidade doentia e muito esquisita e estranha, não deveria ser classificada como uma obra de arte.

Embora eu esteja atravessando o limite do politicamente correto, esses dias, entrando num museu, havia um vaso sanitário com uma pá de cimento em cima, chapiscada, todinha, com tinta azul. Eu não consigo entender. Eu, pessoalmente, não consigo entender o que está por detrás disso. Há os entendidos de plantão que dizem: 'veja, o respingo azul são manifestações do céu e da esperança que existe no horizonte...'. Menos. Vamos botar os pés no chão.

Na Música, isso também chegou a acontecer. Já dando um passo para o final para depois nos localizarmos no modernismo propriamente dito, houve um caso em Nova Iorque que quero mencionar. Uma pessoa colocou um piano de cauda no meio da quinta avenida, com um aquário em cima. Essa pessoa desenhou um pentagrama (a pauta musical) no aquário e o encheu de peixes. A posição em que o pianista via o peixe no pentagrama definia qual era a nota que deveria ser tocada naquele momento. Bom, você já deve ter intuído o que saiu daí. Houve grandes aplausos, mas quem estava aplaudindo isso? Por que estava aplaudindo isso? Qual era a proposta disso? Enfim, a gente pode chegar nesses limites, como chegamos.

A escala hexagônica

Como a virtude está no meio, vamos tentar explorar essas regras harmônicas de uma forma salutar, de uma forma interessante, para que nos enriqueçam e nos despertem para um algo maior e mais potente que ainda está por vir e que nós ainda não descobrimos. Essa é a proposta do modernismo.

Até aqui, usou-se a escala que todos usamos, de sucessão de notas dentro dessa estrutura harmônica, criada por Bach, de sete sons (toca piano⁵⁶). O modernismo resolveu criar uma escala de seis sons, diferente legal, assim (toca piano⁵⁷). Em vez de sete sons, o que eu faço são seis.

Quem foi os gênios que descobriram isso e tentaram explorar essa nova estrutura de seis sons, essa escala hexafônica? Debussy. Claude Debussy⁵⁸, na França. Até percebemos que o som (toca piano⁵⁹) é bem parisiense. É um som que propõe uma estrutura que abre uma porta enorme para uma leitura impressionista da música.

A música não mais revela as emoções, de modo até cru, como muitas obras românticas propunham (toca piano⁶⁰⁶¹). Acho que está claro o que o compositor mais ou menos queria contar quando escreveu isso. No entanto, não fica tão claro quando se utiliza não uma escala de sete sons, mas sim de seis, a hexafônica. Por exemplo, quando faço assim (toca piano⁶²⁶³). Percebam que há uma beleza aqui, há um algo de impressionismo que também é notável em outras manifestações artísticas, como na pintura.

Eu nunca me esqueço de um quadro de Degas, maravilhoso. Ao se aproximar do quadro, você vê somente pinceladas das cores as mais variadas. No entanto, quando você se distancia dele e ganha perspectiva, vê que se trata de um por do sol maravilhoso. Isso é o próprio do impressionismo.

Debussy foi o compositor que abriu, dentro desse quadro da trajetória da música, nessa linha do tempo que estamos fazendo, a proposta da escala hexafônica com sons expressionistas e impressionistas. Ouça⁶⁴ (toca piano⁶⁵). Há beleza aqui. O nome dessa obra é "*Clair de Lune*". Quando você olha para

⁵⁶ Tempo para escutar: 38:29 - 38:32.

⁵⁷ Tempo para escutar: 38:41 - 38:53.

⁵⁸ Músico (1862 - 1918).

⁵⁹ Tempo para escutar: 39:14 - 39:19

⁶⁰ Tempo para escutar: 39:40 - 40:03.

⁶¹ Orange, Franz Liszt.

⁶² Tempo para escutar: 40:18 - 40:41.

⁶³ Prelúdio em Lá Menor - Suite "*Pour le piano*", Claude Debussy.

⁶⁴ *Clair de Lune* - Suite "*Bergamasque*", Claude Debussy.

⁶⁵ Tempo para escutar: 41:31 - 43:06.

lua numa dessas noites tranquilas, onde você tem uma lua cheia, você pode perfeitamente ver isso (toca piano⁶⁶). E essa é a proposta do modernismo.

A grande sacada do modernismo foi fazer uma ruptura na estrutura harmônica, montando uma escala não mais de sete notas, mas de seis. Essa ruptura foi dando passos cada vez maiores até chegar onde vemos hoje - a música dodecafônica, a música eletrônica.

Existem muitas propostas que são propostas que eu, pessoalmente, embora esteja totalmente aberto, tenho restrições, porque não convencem. Compositores, por exemplo, que resolveram fazer uma espécie de burla, como o compositor russo Shostakovich, por exemplo.



Dmitri Shostakovich, compositor (1906 - 1975).

Burla a vida. Burla o regime soviético. É uma gozação diante de si próprio, dá um pouco de risada de si mesmo. Então, o tom de humor e o tom cômico da obra é bastante interessante, mas vocês vão perceber que a estrutura harmônica é completamente rompida, porque ele começa uma obra em Dó Maior (toca piano⁶⁷) passa para Fá Maior, passa para Lá bemol Maior, passa para Mi Maior. É como se ele não soubesse onde está. E o incrível, sabe o que ele faz? Ele mantém uma estrutura rítmica bem firme, como se fosse uma

⁶⁶ Tempo para escutar: 43:23 - 43:40.

⁶⁷ Tempo para escutar: 45:01

espécie de 'olha, existiu o barroco e existiu o classicismo em algum momento da nossa história'.

Vejam só, por exemplo, esse prelúdio de Shostakovich⁶⁸ (toca piano⁶⁹). É aqui que chega o modernismo e é aqui que nós estamos, junto com propostas as mais diferentes, para que possamos continuar explorando o que é essa maravilha da música.

Essa evolução acontece em muitas vertentes na música. Não só na estrutura da música em si, no corpo da música, a harmonia, a melodia e o ritmo, mas também na forma como ela se apresenta. Por exemplo, eu posso fazer música com uma única pessoa no palco, chamado solo, com duas pessoas, chamado dueto, com três pessoas, chamado trio, com quatro pessoas, chamado quarteto, com cinco pessoas, chamado quinteto. Essa estrutura de uma, duas, três, quatro, cinco pessoas, foi a estrutura que, na época dos mecenas, na época das pessoas que financiavam as obras de arte, era utilizada nas apresentações musicais.

Por quê? Porque os concertos aconteciam na casa dessas pessoas. Não existia teatro, não existia bilheteria, não existia ingresso rápido, *ticket for fun*. Não existia nada disso. Isso veio muito tempo depois, quando algumas pessoas perceberam que essas apresentações poderiam render, ter um retorno econômico. Mas, no início, aconteciam na casa das pessoas, e tudo dependia do tamanho da casa das pessoas.

Normalmente, as casas possuíam uma sala que era a sala de música. Quem for, por exemplo, no Museu Imperial de Petrópolis, para falar do nosso Brasil um pouco, vai perceber que na parte de trás, dando para os jardins, há uma sala bastante ampla, onde estão vários instrumentos musicais.

⁶⁸ Prelúdio n° 16, Dmitri Shostakovich.

⁶⁹ Tempo para escutar: 45:24 - 46:25.



Museu Imperial, Petrópolis, Rio de Janeiro.

Aqueles são os instrumentos que eram utilizados pela família real aqui no Brasil. Naquela sala, aconteciam apresentações musicais, para as quais artistas eram convidados.



Sala de Música e Baile

Obviamente, eu não poderia fazer uma Sinfonia de Mahler⁷⁰, um compositor austríaco, dentro daquela sala, pois esta não tem tamanho para comportar uma orquestra para interpretar uma sinfonia dele. Impossível.

⁷⁰ Gustav Mahler, compositor (1860 - 1911).



Gustav Mahler

É interessante ver que, nesta época, havia muito o que nós chamamos de música de câmara. Por que música de câmara? O que significa câmara? Significa sala.

Às vezes, eu acho interessante que as pessoas fazem, dos termos musicais, grandes monstros. Tem orquestra de câmara. 'Eu não sei nada de música clássica'. Uma orquestra de câmara é uma orquestra que cabe dentro de uma sala.

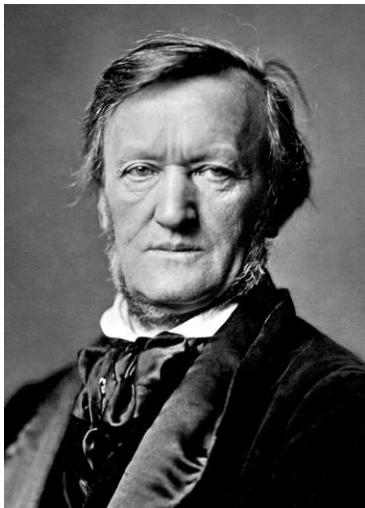
Quantas pessoas fazem parte de uma orquestra de câmara? Não sei, quinze pessoas, dezesseis, vinte. Acho que ainda podemos chamar de orquestra de câmara. Tudo vai depender do tamanho da câmara, do tamanho da sala da pessoa que vai receber essa apresentação.

Veja, na época de Mozart, a música que era fabricada era a música de câmara. Os concertos que Mozart fez para piano, quando são interpretados inclusive hoje, qual é número de pessoas que fica no palco, além do piano? Não era o piano na época. Sabemos que a invenção do piano aconteceu numa época da qual Mozart é um pouquinho posterior, mas a fabricação ainda não era comum. As pessoas não tinham um piano assim tão facilmente, então ainda se utilizava o cravo, que é um instrumento um pouquinho menor.

E mais quanta pessoas no palco? Vinte. Com vinte e cinco, trinta pessoas, eu executo um concerto do Mozart. Mas com vinte e cinco, trinta pessoas, eu

não consigo executar um concerto de Tchaikovsky, que é um compositor romântico.

O que aconteceu durante essa linha do tempo da música no que se refere, por exemplo, às orquestras? O que é mais fácil para você dar vazão aos seus sentimentos, bastante gente, bastante som ou menos pessoas e pouco som? Obviamente, a primeira opção. O que acabou acontecendo é que as orquestras começaram a engordar e tiveram, com Beethoven, que foi o marco para o início do romantismo na música, um *upgrade* incrível. As orquestras subiram um degrau. A orquestra, antes de Beethoven e depois de Beethoven, é diferente. Beethoven começou a pedir mais músicos e começou a pedir instrumentos de percussão, os tímpanos, os pratos, enfim, que, na época de Mozart, não eram utilizados. O segundo *upgrade* aconteceu com Wagner, com Richard Wagner.



Maestro e compositor (1813 - 1883).

As óperas e obras de Wagner pediram uma orquestra ainda maior A gente pode chegar a limites. Com Gustav Mahler, há a Sinfonia dos mil⁷¹. São mil pessoas no palco. Mil pessoas. Vocês sabem o que é isso? Mil músicos da orquestra e o coro, porque é uma sinfonia, uma obra que envolve um coro. Isso era impensável na época de Mozart. Havia obras para orquestra e para coro na época de Mozart? Sim, mas não com essa quantidade absurda de pessoas.

⁷¹ Sinfonia nº 8 em Mi bemol Maior "Sinfonia dos Mil", Gustav Mahler.

Ainda sobre as orquestras, colocando alguns conceitos. Qual a diferença sinfônica e orquestra filarmônica?

Como o próprio nome diz, filar é amigo. Então, orquestra filarmônica é aquela que é feita por amigos, por pessoas que querem apoiar, incentivar a cultura, a música. Há famílias inteiras que apoiam orquestras ajudando-as economicamente. Essas são as orquestras filarmônicas.

E o que são as orquestras sinfônicas? São aquelas orquestras vinculadas a uma organização estatal. Por exemplo, a Orquestra Sinfônica do Paraná. Ela recebe a verba do governo do Estado do Paraná, ao qual ela pertence. A Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo pertence ao Estado de São Paulo, é, portanto, uma instituição estatal.

Infelizmente, normalmente, quando dependemos da boa vontade política das pessoas, o investimento que é feito na cultura sempre é reduzido. É muito triste ver que muitos governantes entendem cultura como despesa. Cultura não é despesa, cultura é investimento. Vemos que, em várias cidades do mundo, as pessoas se transformaram. Os gregos, volto a dizer, já tinham percebido isso quando há investimento na cultura, na cultura verdadeira.

Eu me lembro de estar andando de metrô em Londres e começar a ouvir o Segundo Concerto de Chopin em alto e bom tom dentro das escadarias. Eu pensei 'será que tem alguém tocando aqui?'. Para tirar minha dúvida, eu me aproximei de um guarda e perguntei. Ele me explicou que eles estavam colocando propositalmente música de concerto, porque haviam percebido que, depois que começaram a utilizar o recurso da música de concerto, diminuiu a pichação no metrô, as pessoas não estava mais jogando papel no chão, o vandalismo havia reduzido e que a própria educação das pessoas, a forma como elas se tratam, havia mudado. Aquele dia, o guarda também me informou, era dedicado a Chopin.

Muda mesmo e eu não entendo por que demora tanto tempo para que quem pode proporcionar isso para as pessoas, seja tão lento em proporcionar.

Normalmente, as orquestras sinfônicas não são tão potentes e fortes como as filarmônicas. Quem não conhece uma Filarmônica de Berlim? Quem

não conhece uma Filarmônica de Nova Iorque? Que não conhece uma Filarmônica de Londres? Filarmônica de Viena? São todas filarmônicas. Viena possui uma orquestra sinfônica, a Orquestra Sinfônica de Viena, mas a conhecida é a filarmônica. Então, espero ter esclarecido a diferença entre uma e outra.

Depois, a música é ampla. A possibilidade de criação musical é infinita. A música é infinita como o universo. Vale todo tipo de iniciativa. Dentro da estrutura com orquestra, nós chamamos de estrutura sinfônica toda vez que existe uma orquestra. Dentro da estrutura sinfônica, existem muitas obras. Algumas delas, que são as mais famosas, chamam-se sinfonias. O que é uma sinfonia? É uma obra feita para ser interpretada por uma orquestra. Sempre. Se você tem uma sinfonia, o intérprete é uma orquestra, até porque, o próprio nome sugere isso. Sin + Fonos. Fonos: som. Sin: combinação. Sinfonia é uma combinação harmoniosa de sons. Para haver uma combinação harmoniosa de sons, é preciso de muitos sons e de pessoas diversas, mas sempre em consonância, em sinfonia, em atitude sinfônica. Então, uma sinfonia é uma obra para ser tocada por uma orquestra. Normalmente, a sinfonias possui partes. Uma sinfonia é uma história tão longa, que o compositor quer contar, que uma única parte não é suficiente. Então, nós dividimos a sinfonia em quatro partes. Foi uma regra inventada em música. Você quer fazer uma sinfonia? Conta a tua história em quatro episódios, em quatro movimentos. Em música, nós chamamos essas partes de movimentos. São, portanto, os quatro movimentos.

Agora, vamos supor que a orquestra quer tocar uma obra, mas, para isso, quer convidar um outro músico que não pertence à orquestra, que não faz parte daquele corpo sinfônico, um convidado, um solista. Esse solista pode ser um pianista, um violinista, um violoncelista, qualquer músico que execute qualquer instrumento. Enfim, a orquestra quer convidar esse músico para fazer uma obra juntamente a ela, como um convidado especial. A obra feita pela orquestra junto com esse convidado chama-se concerto.

É interessante que a palavra *concertare* no italiano ou, no castelhano, *concertación*, também existe no português, mas as pessoas não a utilizam. Como, por exemplo, quando me questiono como posso concertar a opinião de duas pessoas que têm opiniões diversas. Isso significa que estou me perguntando como posso unir, aproximar, colocar essas duas ideias diversas em conjunção, em concertação.

Concertare. Isso é um concerto em música. Por quê? Porque a orquestra vai fazer uma melodia, aquele convidado vai fazer uma outra e essas duas coisas têm que combinar, têm que se unir, têm que se concertar para produzir o efeito esperado.

No meu caso, eu só executo concertos para piano e orquestra. Por exemplo, o Concerto para piano e orquestra n° 1⁷² é uma obra feita para piano e para uma orquestra. É aquela em que as trompas iniciam. Eu vou fazer o som das trompas aqui (toca piano⁷³) e aí toda a orquestra (toca piano). Novamente as trompas (toca piano). Toda orquestra. E aí entro eu.

Você poderia objetar: 'Bom Alvaro, o que você está fazendo não tem melodia nenhuma'. Obviamente, não, porque a melodia, neste momento, está sendo feita pela orquestra. Isso é uma concertação. Fica a sugestão para conhecer essa obra, o Concerto n° 1 para piano e orquestra de Tchaikovsky, um compositor russo. Se você conhece essa obra, sabe que, logo depois, a orquestra troca de posição comigo. Com isso, a orquestra começa a fazer a base e eu faço a linha melódica (toca piano⁷⁴). Acho que muitos de vocês já ouviram essa obra. Isso é um concerto.

Veja, eu espero que essa nossa conversa tenha rendido uma abertura na alma de vocês, mas uma abertura enorme, que vocês não tenham nenhum tipo de prevenção, nenhum tipo de preconceito, nenhum tipo de resguardo com relação a se jogar, com freio de mão completamente abaixado, diante dessa proposta maravilhosa que pode transformar vocês. Existem muitos mitos, balelas, mentiras que circulam. Por exemplo, talvez seja um fluxo, está

⁷² Piano Concerto n° 1 em Si Bemol Menor, Op. 23, Piotr Ilitch Tchaikovsky.

⁷³ Tempo para assistir: 58:59 - 59:35.

⁷⁴ Tempo para assistir: 01:00:00 - 01:00:15.

acontecendo no mundo inteiro e no Brasil também, de existir o clube do bolinha e o clube do luluzinho. Existe o rico e existe o pobre. Existe o inteligente e existe o burro. Existe o bonito e existe o feio. É tudo dividido. Existe a música clássica, a música de concerto, e a música popular. Isso é mentira. No começo, nós falávamos que a música é uma linguagem. A música é um substantivo. Música é música, ponto final. Não cabe adjetivo. Existe música boa e música ruim. Agora, claro, a música popular é a música do povo. Então, você tem que ver o que o povo ouve. O que o povo ouve, nós chamamos de música popular. Se você for na Áustria, música popular é Mozart.

Aí fica o grande questionamento: qual é o nosso problema? Qual é o teu problema? Porque a tua música vai depender do teu nível cultural, do teu nível educacional, dos interesses que você tem. Uma pessoa que passa o dia inteiro em redes sociais fazendo fofoca e não tem tempo para ler um livro, eu já sei dizer, por essa pessoa, qual é o tipo de música que ela escuta e qual vai ser a música popular da região onde essa pessoa vive. É essa música que ouvimos nas rádios hoje. Música que pode até render comercialmente algo, porque não mexe com miolo nenhum e mexe meramente com a sensualização do ser humano. Você coloca uma cantora que é submetida a algumas plásticas vestindo um short que parece um cinto, uma blusa que tem um decote que vai até o umbigo e fica fazendo qualquer dança, do tipo que for - eu não preciso entrar em detalhes -, cantando uma musiquinha que não entendemos a letra, com aquela batida estilo bate-estaca. Que beleza há nisso? Que permanência há nisso? O que de clássico há nisso? Quando ouvimos uma sinfonia de Beethoven, imagina o trabalho que um Beethoven, com tudo que sofreu e surdo, não teve para compor o que é uma catarse como uma Nona Sinfonia, a Ode à Alegria. Vejam o que é a Ode à Alegria, o trecho central. Vejam o que é a Fantasia Coral, para piano, orquestra e coro de Beethoven. O que esse homem não teve de trabalho para compor, e veja quais são as músicas que hoje as rádios tocam. São músicas que você aperta um botão com sintetizador, coloca uma letra, que muitas vezes dá vergonha de você se você está na frente da tua mãe - se você tem um pouquinho de bom senso e de amor próprio - algumas

letras não dá para cantar quando você está na presença da tua mãe -. Esse é o nosso grande problema.

Então, não existe oposição entre música popular e música de concerto. Há pessoas que descansam... Uma amigo meu me dizia 'Alvaro, pode ser um problema que eu tenha, pode ser que eu tenha que ir a um psiquiatra, mas eu não consigo passar de uma semana para outra sem ouvir inteira a Sétima Sinfonia em Dó maior de Beethoven⁷⁵. Eu não posso começar outra semana sem, é meu oxigênio, ali eu faço toda minha terapia'. Impressionante, né?

A música de concerto é uma música de ouvir, não é música de fundo. Não é música de supermercado que, enquanto está tocando, você vai fazendo umas compras. Não, não é isso, é música de ouvir. Quando você vai ler um livro que seja um clássico, você lê e presta atenção, porque, a partir daquela leitura, você está aprendendo, você está absorvendo. Com concertos, é a mesma coisa. Concertos vão te transformar para a vida.

Diferentemente, se você está lendo essas revistas de fofoca que, em cada página, você tem cinquenta gravuras e o nome da fulaninha que começou a namorar com ciclaninho, o que isso te agrega? Para onde isso te leva? A fulaninha que começou a namorar o ciclanho, amanhã já vai estar namorando um outro fulaninho e, depois de amanhã, um terceiro. Você vai fazer o que, acompanhar todos esses namoricos?

Isso me faz lembrar aquela música "Estava à toa na vida e a banda passou...". Quando ganhamos mais idade, mais experiência, fica mais gritante, fica mais exposto esse despreparo intelectual, esse despreparo até humano, que muitas pessoas têm. É triste quando você vê uma pessoa já com uma idade madura com duas, três, quatro ideias super vagas e mal articuladas sobre qualquer coisa. E, como a ignorância é atrevida - e é atrevida mesmo -, essas são as pessoas que mais palpite dão sobre tudo. Em redes sociais, sempre você vê essas pessoas conversando e falando sobre tudo que você puder imaginar.

⁷⁵ Sinfonia nº 7 em Lá Maior, Op. 92, Ludwig van Beethoven.

Ontem, eu me diverti bastante quando, entrando num supermercado próximo daqui, vi duas pessoas, funcionários, sentados. Fazia muito calor e eram cerca de três horas da tarde. Eles estavam discutindo como resolver o problema do país, eles tinham a solução. Eu pensei: 'como é que pode?'. Eles diziam: 'a gente tem que fazer isso, tem que fazer aquilo...'. Na minha cabeça, eu pensava: 'poxa vida, se essas pessoas de fato tivessem um preparo para resolver o problema de uma nação inteira muito provavelmente não estariam trabalhando no que trabalham e não estariam, às três horas da tarde, sentados no chão'. Para vocês verem que são essas pessoas as que mais palpite dão.

'Ah, mas a música de concerto é elitista! É uma música para gente rica'. Isso também não é verdade. Eu contei para vocês, de uma maneira muito transparente, que por um motivo, como eu posso dizer, de condições, circunstancial, a música acontecia dentro da casa das pessoas. E, para acontecer dentro da casa da pessoa, essa pessoa tinha que ter uma sala grande. Se tinha uma casa grande, com uma sala grande, é porque o poder aquisitivo era maior. E quem seriam os convidados dessa pessoa de posses? Talvez, outras pessoas de posses. Mas isso foi um problema de gênese. Hoje, não é assim.

Infelizmente, há concertos onde a bilheteria cobra dez reais. Isso é menor que um pacote de pipoca quando você vai assistir a um filme no cinema. E, quando você vai no cinema, algumas vezes, paga quarenta, cinquenta reais. E basta um concerto numa sala charmosa cobrar os mesmos quarenta, cinquenta reais, e essas pessoas, as despreparadas, dizem 'está vendo, olha aí! É música de gente rica'. Mas, criatura, para você ir num estádio de futebol, onde você jogou a latinha de cerveja na cabeça do cara que estava na tua frente, você pagou muito mais. O que é elitismo? E quem disse que sensibilidade está relacionada com classe social?

A gente vê como não se sustenta esse tipo de argumentação. A música de concerto há tantas possibilidades de encantamento. Eu garanto para vocês: ouvir essa música vicia. Faz parte da natureza humana, quando você começa a ganhar uma coisa positiva na tua vida... por exemplo, o hábito da leitura. Você

começa a ganhar o hábito da leitura. Você lê um livro, lê o segundo, o terceiro. Chega um momento, quando você já tem esse hábito, que você acaba um livro e pensa 'bom, qual é o próximo que vou ler?' e, se você passa dois, três dias sem ter um livro na mão para começar a ler, bate um comichão. É assim, o que eu posso fazer? Outro exemplo. Uma pessoa que precisa fazer atividade física, mas resiste. No início, ela faz aquele esforço medonho para ir na academia. Hoje, eu conheço pessoas que estão exatamente na situação oposta. Porque vão com regularidade a uma atividade física, se, por algum motivo, não podem ir em algum dia, o que acontece? Se sentem pesadas, ficam mal-humoradas. Elas precisam de atividade física. Que bom que elas precisam de coisa boa.

Agora, a questão é? o que você tem precisado? O que você tem buscado? O que você tem feito com o teu tempo? Esse é o grande questionamento. Essa música vicia, mas, mais do que viciar, eu diria que essa música virtua. A virtude vem até do radical *virtus*, vir, homem. Tornar-te homem. A virtude é aquilo que nos faz mais homens. É bonito ver uma pessoa que tem o hábito de falar a verdade. É muito bonito isso. E é tão bonito que, quando uma pessoa tem o hábito de ser sincera e sempre falar a verdade, quando mente, todo mundo percebe. A pessoa não consegue mentir. Muitos de vocês conhecem isso. Uma criança, pela simplicidade, pela pureza, pela verdade dela, não mente. Pega uma criancinha de dois, três anos, ela não mente. Além disso, ela tem um sentido de virtude tão forte dentro dela. E como é apavorante e preocupante essa situação de pessoas que, pelo fato de não estarem em busca do que os eleva, dos clássicos da transcendência, mas estão justamente buscando o contrário, essas pessoas vão se calejando em todos os sentidos. Até tal ponto que vem uma cantora rebolando e chamam aquilo de música. Como pode? Será que essas pessoas não percebem que aquele bate-estaca que está de fundo é simplesmente um pretexto para aquela menininha sensualizar e vender, mexendo com os instintos das pessoas? Que arte existe nisso? Que enriquecimento existe nisso? Você vê manifestações "musicais" hoje sendo expostas, onde você vê meninas com doze, treze anos engravidando

justamente pelo tipo de dança que aquela “música” proposta conduziu. Isso acontece.

Assim como acontece de uma pessoa ouvir algum outro tipo de música, não vou nem colocar adjetivo, e sair transformada, como eu contei para vocês daquela pessoa que me perguntou, depois de um concerto, ‘o que preciso fazer para mudar?’. Este tipo de autocrítica não surge em algumas manifestações bem deprimentes e que expõe a podridão da natureza humana na sua pequenez mais explícita. Dá dó. É muito triste ver um país como o meu, o Brasil, em que parece que há uma força tão explícita, não sei com qual intenção, de justamente querer estragar o ser humano em vez de valorizar o que é nobre, em vez de salientar o que é positivo, em vez de ser propositivo para o bem. Parece que a pessoa quer explorar e propor aquilo que destrói. É muito triste isso.

Mas existe uma esperança. Dostoiévski⁷⁶ afirmou, e eu concordo com ele, que o mundo seria redimido pela beleza. A beleza redimirá o mundo. Eu acredito nisso. A beleza pode te transformar, a beleza pode te conduzir para um caminho que, talvez, você nem mesmo pensasse que um dia pudesse chegar, mas, para isso, você tem que se expor. Vale a pena. Compre essa briga, conheça os clássicos, escute música de verdade. Nem vou dizer de verdade. Escute música. Faça um esforço de se desintoxicar, uma espécie de atitude detox, desse tipo de manifestação menor, que é tão proposta por motivos comerciais, e dê um mergulhão naquilo que pode te fazer uma pessoa muito feliz. Eu te garanto que isso vai acontecer (toca piano⁷⁷).

Bom, depois de todas essas considerações que nós fizemos juntos, onde eu abri meu coração para vocês, eu só posso desejar para vocês que, através dessa música, vocês sejam muito felizes. Conheçam essa música, aprofundem-se, transformem-se, mas sem preconceito, sem medo de ser feliz. Conheçam, desbravem. Entrem nesse mundo para se perder mesmo. E se vocês se perderem baseados nessa sementinha que eu joguei hoje,

⁷⁶ Fiódor Dostoiévski, escritor (1821 - 1881).

⁷⁷ Tempo para assistir: 01:14:52 - 01:17:21.

certamente, assim eu espero, ela vai virar uma árvore bem frondosa e, quando você menos perceber, você vai estar se acalentando debaixo da sombra que você mesmo criou, porque você regou. É isso que eu desejo para vocês. Muito sucesso e um abraço sinfônico.